

O COMBATE FEMINISTA: A FEMINILIDADE, UMA ARMADILHA

BEAUVOIR, Simone de. Beauvoir, *Le combat féministe. La féminité, un piège* (*Vogue*: 15 de Março de 1947, v.109, n.6, páginas 171, 232, 234). In: LECARME-TABONE, Éliane; JEANNELLE, Jean-Louis (Org.). **Simone de Beauvoir, Cahiers de L'Herne**. Paris: Éditions de L'Herne, 2012, pp.257-259.

Yasminn Barbosa *

Ouse ser mulher.

“Os franceses jamais foram feministas. Bem entendidos, eles sempre adoraram as mulheres, mas como os mediterrâneos, da mesma forma como os ogros adoram as criancinhas – para seu consumo pessoal”. Com essa sentença, Simone de Beauvoir inicia o ensaio publicado, pela primeira vez na revista *Vogue*, em 1947, o qual também integra a coletânea de textos de *Le Cahier de L'Herne*, de 2012. A tradução francesa do texto, supostamente publicado pela primeira vez em inglês, foi feita por Sylvie Le Bon de Beauvoir, filha adotiva da filósofa e guardiã de suas obras, que também esclarece ao público leitor que o texto teria sido escrito por Simone de Beauvoir em 1947, “quando ela se encontrava em Nova York”. Esse ensaio da filósofa já delinea diversos temas, então, retomados em *O Segundo Sexo*, complementa Le Bon.

Nesse ensaio para a *Vogue*, Beauvoir apresenta questões temporalizadas e que sempre retornam, como a relação das mulheres com o feminismo e o modo como estas se veem e se deixam ser caracterizadas diante dos homens. Simone discute ainda sobre as possibilidades interpretativas e valorativas do “eterno feminino”, além de indagar sobre o lugar das mulheres na sociedade e, finalmente, conclui que o sexo feminino não tem as mesmas chances oferecidas aos homens e este fato se deve às próprias mulheres.

* Graduanda em Direito pela Faculdade Mineira de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Integrante desde 2014 do Grupo de Estudos sobre Simone de Beauvoir. IFTDJ-PUCMINAS. Bolsista de pesquisa FIP-PUCMINAS desde 2014.

Resistências e obstáculos são modulações constantes no enfrentamento das dificuldades sociais e culturais pela mulher ao longo da história.

Sempre citada quando o assunto é feminismo, a filósofa francesa Simone de Beauvoir em seu texto de 1947, “O Combate Feminista: a feminilidade, uma armadilha”, nos traz importantes considerações no que diz respeito à forma como a sociedade e, principalmente as mulheres, veem o feminismo.

Presente no ensaio está a querela de embates entre mulheres com leituras diversas sobre si mesmas, suas ações e a questão feminista. Segundo a filósofa, “Parece então que na França a velha querela entre feministas e antifeministas é regrada, e não há razão alguma para retornar. Mas imagino se, pelo contrário, não é hoje que a questão surge mais intensamente.” E continua a filósofa, “O mundo dos homens está aberto às mulheres; é agora que elas devem se evidenciar. Os homens lhes reconheceram como iguais a eles, mas qual será exatamente o lugar das mulheres? Elas poderiam se regozijar das mesmas chances dos homens?” (BEAUVOIR, {1947} 2012, p.257).

Ao se reler Simone de Beauvoir, e por meio deste pequeno artigo, pode-se bem reconhecer que o feminismo sempre foi alvo de polêmicas discussões. Nos tempos modernos, com o surgimento do grupo femista ucraniano “Femen” e sua grande repercussão midiática, o tema voltou à tona, justamente por, muitas das vezes, ser confundido com o feminismo.

Entende-se por feminismo, segundo a “sabedoria popular”, para usar aqui uma expressão buscada de um outro texto da filósofa, publicado em *Les Temps Modernes* de 1945, a ideia contrária de machismo, ou seja, a superioridade da mulher frente o homem. Contudo, o feminismo é bem mais uma corrente filosófica e social que defende a plena igualdade entre homens e mulheres. Se isso soa ainda absurdo para uns e ofensivo para outros, Beauvoir sempre soube captar as variantes e sutilezas do tema.

Simone de Beauvoir, em um primeiro momento, contextualiza o leitor a respeito da forma como a mulher conquistou espaço diante da sociedade francesa ao longo dos tempos. Contudo, fica nítido para a autora que a igualdade entre os dois sexos não saiu dos papéis oficiais e registros do Estado Civil (BEAUVOIR, {1947} 2012,, p.257). Essa equidade deveria ser vista tanto por homens quanto por mulheres como ponto de partida para uma

sociedade justa e igualitária. Porém, através dos anos, o feminismo adquiriu uma fama que em nada lhe condiz: a ideia de algo extremamente negativo.

Beauvoir deixa registrado em seu texto que as próprias mulheres têm dificuldade em discutir o feminismo. Diante da forma como são caracterizadas pelos homens e a sociedade em geral, isso não poderia ser diferente. Desde pequenas ensinadas a brincar com bonecas que imitavam bebês e utensílios de cozinha, as mulheres criaram barreiras a si próprias para se verem na condição de iguais na cultura e na sociedade. De fato, no processo de construção da história da cultura, a mulher sempre foi *o outro*, o diferente do paradigma de *mesmo* e *próprio* desta mesma cultura e, ainda mais, tornou-se, em determinados momentos, *o outro* de si mesma, o diferente do que desejava e então podia ser. Chegamos a um ponto em que as próprias representantes do sexo feminino acreditam que a submissão ao homem é algo bonito, comum e que deve ser estimulado, tal como podemos observar nas obras de ficção literárias mais recentes.

O “eterno feminino”, que, de acordo com Beauvoir, “foi inventado, com ajuda das mulheres, pelos homens, e que as descrevem como intuitivas, charmosas, sensíveis” (BEAUVOIR, {1947} 2012, p.257), pode ser considerado um tópico responsável pela conotação negativa que o feminismo adquiriu através dos tempos. As mulheres não simplesmente acataram as características a elas atribuídas pelo sexo masculino, como também as tornaram um padrão a ser seguido, criando o conceito do “ser mulher” para a sociedade.

Diante disso, ao assumir o papel de frágil, a mulher se submete ao homem, se esconde por detrás dele, e toda e qualquer ideia de igualdade entre os sexos parece uma afronta à sensibilidade feminina. Como pode a mulher “encorajada (...) pelo mundo inteiro (...) a desenvolver seus poderes de sedução, ser graciosa, prendada e amável” se equiparar ao homem “independente, aventureiro”? (BEAUVOIR {1947} 2012, p. 259). De acordo com Simone de Beauvoir, o fato das mulheres não acreditarem em suas potencialidades foi o que tornou real a sua inferioridade. Foi exatamente essa aceitação que tornou o feminismo tão criticado.

A autora ainda disserta sobre a questão da feminilidade. Segundo Simone, as mulheres temem que, uma vez desconectadas do sentimento de inferioridade, se afastem também de sua feminilidade (BEAUVOIR, {1947} 2012, p. 259). Trazendo essa ideia para

os dias de hoje, seria coincidência o fato de muitas das mulheres mais influentes do mundo serem alvos constantes de indagações a respeito de sua beleza e feminilidade? A própria sociedade criou uma concepção em que mulheres e características como a coragem, bravura e rigidez não combinam, e as representantes do sexo feminino, por sua vez, acataram esta ideia como um dogma.

O filósofo alemão Immanuel Kant já atentava para a condição de menoridade em que se encontravam alguns seres humanos incapazes de servirem-se de si mesmos sem necessitar da ajuda de outros. Nota-se um comodismo muito semelhante ao estado de menoridade explicado por Kant no que diz respeito à posição das mulheres como sendo o “outro” da cultura. A própria mulher não tem o desejo de mudar a condição de outro e passar a denominar-se autenticamente como Sujeito. Através da história, sempre existiu o Um e o Outro, uma unidade e aquilo que é exterior a ela, pois se há Um, deverá, necessariamente, haver o Outro. Ser o Outro não significa ser a minoria, até porque a população masculina e feminina se equilibra. Ser o Outro significa ser diferente daquele que é o Mesmo, portanto, ser Outro é uma questão de perspectiva. Nas palavras da professora Magda Guadalupe dos Santos através de uma releitura de Simone de Beauvoir, “ser outro não é ser menor ou de segunda classe, mas é ser capaz de enfrentar os estigmas da cultura com uma mentalidade outra, com um discurso outro que contempla a ambiguidade do mundo e o paradoxo da existência” (SANTOS, 2010, p. 119).

Falta à mulher de hoje libertar-se da condição de “naturalmente inferior” (BEAUVOIR, {1947} 2012, p.259). O texto de Simone e o próprio feminismo fazem um convite não somente às mulheres, mas também aos homens, de enxergarem ambos os sexos de uma perspectiva igualitária e democrática. Aos homens, fica a lição de que a mulher é um ser individual, tão capaz quanto qualquer um deles. Às mulheres, fica a releitura do lema “sapere aude” kantiano: ouse ser mulher!

Referência

SANTOS, Magda Guadalupe. *Simone de Beauvoir*. “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, maio, 2010. p. 108-122.